

**GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA  
(ORGANIZADORA)**



**CULTURA,  
RESISTÊNCIA E  
DIFERENCIAÇÃO  
SOCIAL 2**

Gabriella Rossetti Ferreira  
(Organizadora)

# Cultura, Resistência e Diferenciação Social 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C968	Cultura, resistência e diferenciação social 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Cultura, Resistência e Diferenciação Social; v.2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-524-2 DOI 10.22533/at.ed.242190908  1. Antropologia. 2. Identidade cultural. 3. Resistência cultural. I.Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.  CDD 306
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A obra “Cultura, Resistência e Diferenciação Social – Vol. 2” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos. A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espaço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica

aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural.

Gabriella Rossetti Ferreira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“OS SERTÕES”, CANUDOS E CONSELHEIRO: NEM TUDO É POSITIVISMO	
Izaias Geraldo de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.2421909081	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>18</b>
A PERSONALIDADE DE UM POVO, O TANGO E A SUA MEMÓRIA	
Daiane Glaucia de Oliveira	
Samuel Klauck	
DOI 10.22533/at.ed.2421909082	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
A TEORIA DA REVOLUÇÃO DO P.C.B.: OCTÁVIO BRANDÃO, A ALIANÇA DE CLASSES E O FEUDALISMO (1922-1935)	
Danilo Mendes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2421909083	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>43</b>
ANTROPOLOGIA E MODA: REFLEXÕES SOBRE A REDE DE CRIADORES E CRIADORAS DE SALVADOR	
Luana Nascimento Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.2421909084	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>54</b>
“APRENDI COM MINHA MÃE”: O CONHECIMENTO TRADICIONAL NO TRATAMENTO DE ALGUMAS DOENÇAS EM TRÊS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO RIO GRANDE DO SUL	
Adelmir Fiabani	
DOI 10.22533/at.ed.2421909085	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>72</b>
ARTE, CULTURA E MEMÓRIA NO PENSAMENTO DE FRIEDRICH NIETZSCHE	
Danilo Morae Lobo	
Auterives Maciel Jr	
DOI 10.22533/at.ed.2421909086	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>81</b>
CABARÉ DA RRRRRAÇA: O RECURSO DO RISÍVEL COMO METÁFORA DO ENTRE -LUGAR	
Gildete Paulo Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.2421909087	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>90</b>
COMUNIDADES TRADICIONAIS E A CONSERVAÇÃO DA FLORESTA: UM OLHAR SOBRE A COMUNIDADE VILA FRANCA, RESEX TAPAJÓS-ARAPIUNS, PARÁ, BRASIL	
Marcos Diones Ferreira Santana	
Emeli Susane Costa Gomes	
Luciana Edilena Santos Guimarães	
Ana Daiane Lopes Costa	
Jarlei Dominique Souza da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2421909088	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>101</b>
MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO E CULTURA JAPONESA DA UFRGS E O POEMA HAICAI: EM PROL DA DIFUSÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL À SOCIEDADE LOCAL	
Tomoko Kimura Gaudioso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2421909089</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>105</b>
NACIONALISMO SOCIAL, CORPORATIVISMO FASCISTA E “AUTORITARISMO INSTRUMENTAL” NO PENSAMENTO DE OLIVEIRA VIANNA	
Fabio Gentile	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090810</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>117</b>
O NEORREALISMO E O CICLO BAIANO DE CINEMA: A CONFIGURAÇÃO DE UM IDEÁRIO ÉTICO-ESTÉTICO NA BAHIA NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960	
Euclides Santos Mendes Milene de Cássia Silveira Gusmão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090811</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>127</b>
PONTOS DE CULTURA DO LITORAL NORTE E AGRESTE BAIANO E OS NOVOS PARADIGMAS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS	
Tárcio Leonardo Santos Mota	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090812</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
SABERES E HISTÓRIAS DAS BENZEDEIRAS NO LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL	
Ana Paula Danielli André Boccasius Siqueira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090813</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>142</b>
SENSIBILIDADES DO LEMBRAR E DO ESQUECER NOS CORDÉIS-MEMÓRIA DE JARID ARRAES	
Fernanda Santos de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090814</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>152</b>
TORÉ, UM DUETO DE FORÇAS QUE REÚNE POVOS ANCESTRAIS	
Elizabete Costa Suzart	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090815</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>164</b>
TROPICALISTAS: OUSADIAS EM NOITES DE <i>HAPPENINGS</i> E COMUNICAÇÕES INTERROMPIDAS	
Givanildo Brito Nunes Edson Silva de Farias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090816</b>	

<b>CAPÍTULO 17 .....</b>	<b>175</b>
UMA INTERPRETAÇÃO DA RELIGIOSIDADE LUSO-BRASILEIRA NA PERSPECTIVA PSICOSSOCIAL DE RUDOLF OTTO	
<a href="#">Michel Kobelinski</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090817</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>196</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>197</b>

## ANTROPOLOGIA E MODA: REFLEXÕES SOBRE A REDE DE CRIADORES E CRIADORAS DE SALVADOR

**Luana Nascimento Vieira**

Universidade Federal da Bahia, Departamento de Pós-Graduação em Antropologia  
Salvador – Bahia

**RESUMO:** O artigo apresenta as questões suscitadas pela pesquisa elaborada no mestrado de antropologia da UFBA que tem como tema: “Antropologia e Moda: reflexões sobre a rede de criadores e criadoras de Salvador”. As construções epistemológicas acerca do fazer moda na cidade foram realizadas a partir das relações entre criadores e criadoras em diferentes situações urbanas como feiras itinerantes de gastronomia e moda, lojas, lojas colaborativas, ateliês e eventos culturais. A composição etnográfica traz os caminhos e trajetos percorridos de modo itinerante ao longo do trabalho de campo juntamente com os/as interlocutores/interlocutoras a partir de seus cotidianos laborais para a compreensão de uma rede urbana de Moda independente em Salvador.

**PALAVRAS-CHAVE:** Moda; Criadores/ Criadoras; Cidade; Rede; Circuito.

### ANTHROPOLOGY AND FASHION: REFLECTIONS ON THE NETWORK OF CREATORS OF SALVADOR

**ABSTRACT:** The article presents the questions raised by the research elaborated in the master of anthropology of UFBA that has as its theme: “Anthropology and Fashion: reflections on the network of designers and creators of Salvador”. The epistemological constructions about making fashion in the city were realized from the relations between creators in different urban situations such as itinerant gastronomy and fashion fairs, shops, collaborative shops, ateliers and cultural events. The ethnographic composition brings the paths and routes traveled along through the fieldwork with the interlocutors from the daily work to understand an independent urban fashion network in Salvador.

**KEYWORDS:** Fashion; Creators; City; Network; Circuit.

### 1 | INTRODUÇÃO

Apresento neste artigo as reflexões centrais realizadas na pesquisa etnográfica desenvolvida ao longo do mestrado em que teci uma rede composta por criadores e criadoras de Moda. O trabalho realizado, que começou em 2016 e durou cerca de dois anos, ressalta

os trajetos (MAGANI, 2002) percorridos pelos espaços urbanos resultando na compreensão da existência de diversos circuitos (MAGNANI, 2002) que compõem as tramas desta rede (AGIER, 2011), com destaque para os circuitos sustentável e o afroempreendedor.

A Feira da Cidade, feira urbana itinerante que surgiu em Salvador no ano de 2014, foi o ponto de partida da pesquisa. Este evento despertou minha curiosidade por reunir produtos de Moda e Artesanato comercializados num mesmo espaço, agregando diversos tipos de profissionais que embora se reconheçam de modos diferentes – designers de moda, artistas, artesãs, ourives – criam e comercializam o mesmo tipo de produto – peças de vestuário. Os estandes das manufaturas criativas são montados aos finais de semana, quinzenalmente ou mensalmente, em diferentes praças, ruas, parques e avenidas da cidade.

Antes de começar a observação participante e aplicar as entrevistas semi-estruturadas na Feira realizei um “aquecimento etnográfico”. Momento em que me deslocava até o evento para montar tabelas baseadas nos cartões de visita das marcas registrando suas redes sociais da Internet, tipos de produtos comercializados, se eram criadores/criadoras ou revendedores/revendedoras e quais eram os outros espaços de comercialização que circulavam compondo uma rede urbana.

A imersão como pesquisadora-antropóloga ocorreu depois de um tempo de “aquecimento”, mais expressivamente em quatro edições: no bairro de Stella Maris, no Imbuí, na Pituba e no Jardim dos Namorados. Porém, entre a primeira e a segunda edição houve um espaço de quatro meses em que a Feira ficou sem acontecer na cidade. Foi quando comecei a transitar por outros lugares onde os/as criadores/criadoras mapeados/mapeadas no evento circulavam por Salvador – outras feiras, eventos culturais, ateliês, lojas e lojas colaborativas.

Dentre as marcas mapeadas, duas se tornaram algumas das principais interlocutoras da dissertação. A Com Amor Dora, de Dora, que comercializa “acessórios para o cabelo e costurices *handmade*”. A artesã vende seus produtos pela internet, vendia no período da pesquisa na Feira da Cidade e na loja colaborativa Somos Coletivo Criativo, que ficava no Shopping da Bahia. Atualmente tem seu próprio negócio a loja colaborativa *Guapa*, localizada no térreo do Shopping Rio Vermelho.

A outra interlocutora que conheci na Feira da Cidade foi Mina, da marca Joia de Mina. A ourives confecciona, vende e revende acessórios de ouro, prata e aço pela internet e também vendia no período do trabalho de campo na Loja Guapa, de Dora. Atualmente retornou a seu país de origem, Argentina, depois de passar a maior parte de sua vida em Salvador, mas segue trabalhando como ourives-designer.

## 2 | MODA, PROCESSOS CRIATIVOS E ESTILOS DE VIDA

A loja colaborativa *Guapa* possui um formato de comercialização que surgiu em Salvador após o advento das Feiras de Gastronomia e Moda, que aqueceram

a produção dos pequenos/pequenas empreendedores/empreendedoras criativos/criativas da cidade. O conceito de loja colaborativa não foi criado na capital baiana; desde a década de 90 que este formato de comercialização existe em países europeus, e já faz algum tempo que esse tipo de loja está presente nas duas grandes capitais do país, São Paulo e Rio de Janeiro.

A ideia deste modelo de negócio consiste em uma disponibilização de um espaço físico, geralmente separado por boxes, araras ou prateleiras, para a comercialização do trabalho de artesãos e de pequenos/pequenas empreendedores/empreendedoras. É cobrado um valor de aluguel pelo espaço individual disponibilizado ao empreendedor/empreendedora, havendo lojas que também cobram algumas taxas por fora do aluguel, como o imposto ICMS, taxas sobre vendas e/ou sobre o uso de cartão de crédito.

Com relação a loja de Dora, uma de suas queixas em relação ao formato colaborativo é que esperava que se formasse um coletivo de criadoras/criadores que dialogassem sobre seus processos criativos. Segundo ela, no entanto, alguns/algumas criadores/criadoras deixam os produtos nos caixotes e esquecem por lá, aparecendo poucas vezes para repor as peças, enquanto outros/outras costumam ser mais ativos/ativas na participação dos eventos e rodas de conversas que ocorrem na loja. Quando questionei a Mina, que teve um caixote com seus acessórios na Loja Guapa, sobre esse posicionamento, sua resposta foi de que valoriza e compreende a importância dessa troca, mas que ela não tinha tempo para estas atividades extras.

O ateliê de Mina ficava localizado num antigo prédio na Avenida Sete de Setembro, no centro de Salvador. A ourives herdou a profissão e os materiais necessários para a confecção de seus acessórios de sua família, que também trabalha neste ramo, e cedeu aquele local para ela montar sua própria marca.

Seus pais começaram como *hippies* vendendo artesanato “*num paninho na praça*”, mas ao longo dos anos “*criaram muito*” e passaram a exportar as pratas para outros países. Segundo Mina, ela cresceu e se criou nisso, viajando com eles por toda Argentina fazendo feira, “*minha mãe sempre gostou de fazer feira, ela nunca deixou de fazer, e eu sempre estive acompanhando*”.

Mina resolveu se especializar em fazer joias, diferentemente de seus pais que são revendedores atacadistas de prata em Salvador. A ourives relata que sempre gostou de intervir nos acessórios, “*eu sempre adaptava, criava ou modificava e mandava fazer as joias, hoje eu mesma já faço*”. Começando como artesã, passou a se definir como ourives-designer depois que aprendeu a técnica da solda. Segundo Mina, o “*artesão puro não realiza o trabalho de solda, o artesão mexe com alicate, modifica, adapta, faz tudo, menos a solda*”. O adjetivo “puro” que Mina utiliza em sua fala, dá a entender que para ser ourives ou joalheiro se faz necessário, antes, ser artesão ou artesã. Ideia que remete a afirmação de Andrade:

[...] todo o artista tem de ser ao mesmo tempo artesão. Isso me parece incontestável e, na realidade, se perscrutamos a existência de qualquer grande pintor, escultor, desenhista ou músico, encontramos sempre, por detrás do artista, o artesão [...]

A técnica da solda é o que diferencia o/a ourives ou joalheiro/joalheira do/da artesão/artesã. Esta consiste no processo de derretimento da prata ou do aço, através do fogo, para a materialização das formas dos acessórios. Segundo Mina, no processo da solda, ela “*vai amassando e batendo até diminuir o formato*”, que pode ser redondo ou quadrado. Mas este processo não acontece somente uma vez, de acordo com a ourives, ela precisa esquentar e derreter o material várias vezes, lixar e raspar, para então cerrar e dar a forma do acessório que almeja fabricar.

No primeiro momento em que vi seu ateliê, tive acesso aos processos que transformam todos aqueles colares, pingentes, brincos, anéis e pulseiras prontos que circulam pelas feiras sendo manufaturados por ela. Ali, além de perceber a importância dos materiais para que os objetos possam existir, compreendi como o “fabricar é um procedimento de descoberta, uma abertura para os processos da vida” (FRIEDMAN & GOLDSWORTHY, 1990, p.160 apud INGOLD, 2015, p. 51).

Foi em seu ateliê que conheci Mina de modo mais aprofundado, e percebi que não existe Mina e Mina-ourives, porque seu trabalho é completamente vinculado à sua existência. Como colocou Bosi (1994, apud Brussi, 2009) naquele momento percebi como que ocorre uma fusão entre o trabalho e a própria substância da vida. A ourives não “bate o cartão” e deixa suas tarefas lá, guardadas naquele local de trabalho. Seu estilo de vida, suas crenças e sua história são mesclados a seu cotidiano criativo e ao seu fabricar.

O nome de sua filha, Ágata, representa essa união entre trabalho e vida pessoal. As pedras, são um dos principais materiais da marca, não consistem apenas em matéria bruta para ela, mas possuem significados, “têm histórias, forjadas nas contínuas relações com o entorno que podem ou não incluir seres humanos e muitas outras coisas” (INGOLD, 2015, p. 67). E inclui também crenças: Mina sempre faz a feira levando um cristal dentro do sutiã para proteger-se contra a inveja. Em relação a sua participação na Feira da Cidade, a ourives considera que deu um “*up*” na marca, sobretudo através das redes sociais com o aumento significativo de seguidores/seguidoras, e conseqüentemente, do número de clientes e vendas.

Seus acessórios de prata ou ouro são mais caros do que os de aço, o que revela o poder ativo dos materiais (INGOLD, 2015). Tanto a ourives quanto seus/suas consumidores/consumidoras têm essa noção, sabemos que uma corrente ou um anel de ouro custa um alto valor, justamente por isso é classificado enquanto joia e não bijuteria. A diferença é que a pessoa que trabalha na confecção de acessórios ou vestuário, volta-se para um olhar acerca da “constituição material dos objetos” (INGOLD, 2015, p. 62), enquanto que os/as consumidores/consumidoras se preocupam apenas com a materialidade, se é ouro, prata, aço ou bijuteria na hora da compra.

A ourives, embora crie e comercialize joias, se considera totalmente fora de Moda. Pode até em alguns momentos trabalhar com tendências, com o que está em

alta através das novelas, porém não sabe nem onde procurar informações de Moda. Suas inspirações criativas são vinculadas ao universo místico e esotérico, a seu estilo de vida espiritualista, e por isso seu foco criativo são as pedras e cristais.

Com relação à Dora, sua conexão com a Moda é mais estreita, e ao compreender qual o seu lugar neste universo laboral considera que a escolha entre ser artesã ou designer de moda representa uma questão cultural. Segundo ela, o lugar do/da designer de moda e do/da estilista não é necessariamente apenas um lugar de alguém que cria:

A gente tem uma cultura ainda que o estilista, o designer é aquele que vai desenhar uma roupa, criar um novo modelo, mas não. Tipo assim, hoje você criar alguma coisa é muito difícil. Saia envelope mesmo, tem em todos os lugares, qualquer loja que você quiser ir você vai ter saia envelope. Mas o modo que você faz, o que você deposita naquela peça, a forma que você comunica ela para o mundo, sabe? Como ela é produzida, de que forma ela foi pensada, porque eu fiz saia envelope? Porque a saia envelope cabe em todo mundo, cabe em mim e cabe em você. A gente ainda tem essa cultura do estilista, do designer ainda muito de status, muito alguém do que a gente é mesmo. Hoje eu tenho muita dificuldade de falar que eu sou uma designer de moda, mesmo sem ter ido lá pegar o meu diploma, que eu só falto fazer o último semestre de moda lá na FACS. Quando eu comecei a fazer as faixinhas de cabelo no último semestre do curso de Letras, e vi que estava me encaminhando para trabalhar com Moda, que eu fui procurar estudar aquilo. Mas estou começado a me entender nesse lugar de designer de moda hoje, porque passei a pensar no meu produto, o por quê que ele é feito, qual o público do meu produto, atende a que necessidade das pessoas? Enfim, que o meu produto tem um significado. Não é uma simples nécessaire, tem todo um cuidado de escolher a estampa, combinar com o zíper, combinar com o puxadorzinho, enfim, tem todo um estudo, uma percepção de estética por trás disso. Porque essa saia? Porque esse modelo de blusa? O modelo de blusa que eu faço dá do “m” ao “gg”. Tem todo um estudo, todo um trabalho que ninguém vê, que é o trabalho de um designer. A diferença para o trabalho do artesão é muito tênue, porque depende muito do artesão e do que ele faz. Apesar de hoje estar começando a me ver como designer de moda, eu não deixo de me ver como artesã. Acho que estamos numa fase em que as coisas andam juntas, tem que ver aí uma nova palavra para dizer o que a gente está fazendo. Eu acho que o artesão pode ter a ver com o modo como se faz, um modo de produção mesmo, sabe? De como é feito, que tem um processo artesanal, a técnica como você faz aquilo. E o designer é o modo como você pensa o seu produto, como você vai colocar ele no mercado. Porque tem gente realmente que é só artesanato, que pensa só no modo de produção.

Seu depoimento me fez pensar na discussão de Keller (2007, p.16) acerca da figura do estilista moderno, o qual reivindica para si o *status* de artista, de “artista criador de um estilo que expressa um conceito, e que se projeta como uma imagem”. Embora essa figura do estilista seja fundamental na Indústria da Moda, é válido frisar que a concepção da criatividade muitas vezes é construída, o que podemos concluir a partir da fala de Dora que esta inclusive pode ser inventada.

No que diz respeito a seu estilo de vida, Dora procura ser o mais sustentável possível em suas práticas, inclusive em relação à produção e consumo, ainda que compreenda a existência de desafios quando se é empreendedora:

Você precisa achar meios de sobrevivência, é tipo lei da selva mesmo. Eu acho esse negócio de ter loja em shopping muito complicado, não caio nessa de capitalismo

consciente, porque é impossível o capitalismo ser uma coisa boa. Mas assisti uma palestra falando que se você não pode ir contra o sistema, você tem que entrar nele e fazer com que as pessoas que estão comecem a pensar, então eu acho que a loja colaborativa do shopping é isso. Você está no sistema, que é shopping, mas você tem marcas artesanais ali, então traz o consumidor de shopping a repensar também.

A partir destas reflexões percebi como que o que conecta estes/estas criadores/criadoras em uma rede de moda independente não é necessariamente a Moda, mas os laços de afinidades, de amizade, parentesco e seus estilos de vida. Dentre as conversas estabelecidas com Dora na Loja Guapa escutei a seguinte frase que potencializou esta perspectiva: “*Mina, a filha dela, Ágata, tem aula de música com o meu irmão, toda quarta-feira Ágata está lá em casa, tem aula de piano*”. Ficou evidente ao longo da pesquisa que por este ser um meio de muita disputa, o estabelecimento da confiança é importante tanto para fazerem as associações quanto para mantê-las; serem sócias, terem caixotes nas lojas, dividirem espaços nos estandes de feiras e fazerem permutas.

### 3 | CIRCUITO SUSTENTÁVEL E AFROEMPREENDEDOR

Os antropólogos urbanos Agier (2011) e Magnani (2002) fundamentaram respectivamente as noções de rede e de circuito utilizadas para dialogar com as reflexões epistemológicas e metodológicas estabelecidas ao longo do trabalho de campo, sobretudo quando a Feira da Cidade ficou sem acontecer em Salvador e tive que me deslocar por outros espaços.

Segundo Agier (2011, p.80), nas redes “circula um conjunto de ideias, valores e normas que permitem o seu funcionamento”. Em seu livro *Antropologia da Cidade* o autor apresenta a perspectiva situacional, na qual o/a pesquisador/pesquisadora deve fazer uma antropologia simbólica e social dos espaços urbanos contemporâneos através do deslocamento do ponto de vista da cidade e de seus equipamentos para os cidadãos a partir das situações que ocorrem nas interações entre as pessoas. De acordo com sua hipótese, existe uma relação substancial entre o tipo de laço social, a função e o conteúdo moral das redes. O conteúdo moral investigado na pesquisa se caracterizou pelas perspectivas sobre moda a partir do ponto de vista dos/das criadores/criadoras.

A temática Moda concordando com a noção de Aderaldo (2009) foi tratada de modo heterogêneo, descortinando a ideia do fenômeno enquanto categoria ligada exclusivamente ao consumo de roupas para uma abordagem pluralista que possibilita a realização de análises acerca da vida social bem como das relações desdobradas através deste fenômeno sociocultural. Afinal, as roupas e acessórios importam de formas distintas para as pessoas em tempos e locais diversos: conforme Rochedo (2014), têm circulação social, mediam relações e despertam narrativas, sendo atravessadas por fluxos sociais, econômicos, políticos, históricos e subjetivos, logo

pode-se dizer que são culturais.

A perspectiva de perto e de dentro proposta por Magnani (2002) contribuiu para o encontro com as particularidades observadas com as interlocutoras ao longo do trabalho de campo. A categoria “circuito” é empreendida pelo autor enquanto “a configuração espacial, não contígua, produzida pelos trajetos de atores sociais no exercício de alguma de suas práticas, em dado período de tempo” (MAGNANI, 2014, p. 9). De acordo com o autor através desta categoria é possível “ligar pontos descontínuos e distantes no tecido urbano, sem perder, contudo, a perspectiva de totalidades dotadas de coerência”. (MAGNANI, 2014, p.2-3). Dessa forma foram os trajetos (MAGNANI, 2002) feitos pelos/pelas interlocutores/interlocutoras de pesquisa para além da Feira da Cidade que iluminaram a composição de diferentes circuitos conformando uma rede da Moda independente na cidade de Salvador.

Ao longo do trabalho de campo se tornou perceptível o fato de que a Feira da Cidade não representa um espaço exclusivamente comercial para os/as criadores/criadoras, funcionando mais como uma vitrine para seus trabalhos do que objetivamente como um meio de vendas. O evento costuma ter um público significativo em que os/as expositores/expositoras têm contato direto com potenciais consumidores/consumidoras, que mesmo quando não realizam compras nos estandes, levam cartões de visita ou passam a segui-los/segui-las nas redes sociais, mantendo um contato pós-evento. Esses foram aspectos frisados tanto por Mina quanto por Dora, que cresceram com seus empreendimentos após a participação na Feira.

Em relação ao pertencimento aos circuitos mapeados, as marcas de Dora e de Tarsila, a Com Amor Dora e a La Abuela, sócias da Loja Guapa, além de se inserirem no circuito sustentável e ter a loja como um dos espaços sede do *Fashion Revolution Week*, sempre estiveram presentes no *Afro Fashion Day*, desde a primeira edição até a última. Embora elas não tenham marcas afroreferenciadas, ambas fazem parte do circuito de feiras, o qual boa parte das marcas afro também participam gerando um diálogo e aproximação de lutas, como a valorização dos pequenos/pequenas empreendedores/empreendedoras locais e o empoderamento feminino através da Moda.

Percebi ao longo da pesquisa que a conformação de uma Moda Sustentável ainda está se instalando em Salvador. O debate sobre as pequenas marcas locais que fazem parte do circuito da moda sustentável adentrarem aos grandes shopping centers da cidade, seja montando suas próprias lojas ou fazendo parte das lojas colaborativas nestes estabelecimentos, foi recorrente nos encontros para debater consumo e produção consciente na Loja Guapa. As marcas que aderiram a este segmento de comércio estão buscando compreender as possibilidades de produzirem produtos e formas de comercialização que sustentem na prática os seus discursos.

Esta adaptação, em alguns momentos, inevitavelmente, acaba os/as levando a algumas contradições, como colocar-se contra as formas de capitalismo mais exploratórias e terem lojas nos principais shopping centers da cidade, bem como

compreenderem que esse mercado sustentável possui um recorte de classe, visto que não faz parte do tipo de consumo praticado por pessoas que se inserem em classes sociais mais desfavorecidas. Os custos para confeccionar produtos ecologicamente corretos, e pagar de forma justa aos trabalhadores/trabalhadoras envolvidos/envolvidas em suas cadeias produtivas, como costureiras e fabricantes, são altos, o que gera um produto também de alto valor. As reflexões perpassam pela compreensão de que o público consumidor destas marcas faz parte de uma elite econômica, e um dos desafios deste circuito é como alcançar também as pessoas que só podem comprar num tipo de comércio popular ou em lojas de departamento.

No decurso do trabalho de campo ficou evidente que o circuito (MAGNANI, 2002) da moda sustentável em Salvador tem sido articulado por um movimento global contemporâneo denominado por *Fashion Revolution*. Este surgiu em Londres, no ano de 2013, pelas designers de moda Carry Somers e Orsola de Castro, após o desabamento de um prédio onde funcionavam fábricas de roupas de marcas internacionais tais como Primark e H&M. O desastre ocorreu devido às péssimas condições estruturais e físicas do edifício, matando milhares de trabalhadores e trabalhadoras que sobreviviam em precárias condições laborais, análogas à escravidão, para sustentar os estrondosos lucros de grandes empresas que confeccionavam peças de roupas para serem comercializadas à preços baixos em suas lojas espalhadas em diversas cidades do mundo.

O *Fashion Revolution* se caracteriza como movimento e evento composto por pessoas de diversos países; estudantes, professores/professoras, designers, pesquisadores/pesquisadoras, produtores/produtoras e criadores/criadoras de moda, que passaram a se mobilizar e se afiliar ao movimento com o objetivo de questionar o que está por trás das cadeias produtivas na Indústria da Moda em todos os processos, desde o cultivo da matéria-prima, passando por quem pensa a criação, executa, vende e consome, com a finalidade de construir um futuro mais ético e sustentável para o planeta através da Moda.

Enquanto evento, o *Fashion Revolution Week* acontece todos os meses de abril desde sua inauguração nas diversas cidades do mundo durante uma semana através de desfiles, rodas de conversas, oficinas, bazares de trocas de roupas, dentre outras atividades, reunindo profissionais e curiosos/curiosas acerca da temática. Uma das principais ações globais é questionar virtualmente às marcas *#quemfezminhasroupas?* A ideia desta ação é fazer com que as pessoas reflitam acerca dos “fios condutores” dos vestuários que as conectam através das roupas às pessoas que trabalharam na criação-confecção-comercialização destes produtos. No site oficial do movimento é possível localizá-lo em países da Ásia, África, América Central e Caribe, Europa, América do Norte, Oceania e América do Sul. No Brasil, o *Fashion Revolution* já existe há cinco anos e vem ganhando força e adeptos/adeptas. Segundo informações do site, no ano de 2018 o evento envolveu aproximadamente 23 mil pessoas em 47 cidades, com 400 voluntários e 38 embaixadores em universidades.

Uma das propostas principais deste movimento é “pensar global e agir local”, o que diz respeito a compreender as necessidades de transformações socioambientais e também fomentar o aquecimento da economia criativa das cidades através da valorização dos/das pequenos/pequenas empreendedores/empreendedoras. Dentre as principais diretrizes mapeadas, quatro se destacaram nas rodas de conversas nas semanas do Fashion Revolution Week em Salvador: a Moda Sustentável deve ser ecologicamente correta - tem que gerar o mínimo de impacto negativo possível. Deve ser socialmente justa - não explorar trabalhadores/trabalhadoras nas cadeias produtivas. Deve ser economicamente viável - não pode ser um tipo de produto com um preço muito alto sob a justificativa de que é sustentável. Por fim, a Moda Sustentável deve ser culturalmente diversa, com as marcas locais contempladas no mercado e não apenas as grandes lojas multinacionais, destacando a importância da valorização do afroempreendedorismo na cidade.

Dessa forma, assim como o circuito sustentável tem o *Fashion Revolution Week* como um evento que articula, expande e promove as discussões acerca dessa perspectiva de mercado, o circuito afroempreendedor ganhou maior visibilidade com o surgimento do evento *Afro Fashion Day*, lançado no ano de 2015, pelo Jornal Correio.

No Dia da Consciência Negra, 20 de novembro de 2015, foi realizado o primeiro *Afro Fashion Day* na cidade, evento que teve a presença de 2,5 mil pessoas na Praça da Cruz Caída, segundo dados do Jornal Correio. Desfilaram 45 modelos negros e negras para marcas locais de roupas e acessórios, tais como Jeferson Ribeiro, Dresscoração, Meninos Rei, Carol Barreto, Crioula, N Black, Goya Lopes, Negrif, Ori Turbantes, dentre outras. Ocorreram também oficinas de maquiagem para pele negra e de amarrações de turbantes, uma feira com as peças de roupas e acessórios desfilados que estavam à venda e uma parte gastronômica. Em entrevista ao Jornal Correio, a secretária-executiva da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEPROMI), Adile Reis, disse: “É uma oportunidade importante para os negros, principalmente as mulheres, entenderem que elas podem ocupar todos os espaços sociais”.

Os/as criadores e criadoras deste circuito têm se destacado no mercado de Moda sobretudo através das redes sociais, das mídias locais, feiras itinerantes, montando lojas próprias e participando também das lojas colaborativas. O evento mencionado é um marco em Salvador, reunindo criadores/criadoras, empresários/empresárias, pesquisadores/pesquisadoras, modelos, blogueiras/blogueiros, jornalistas, fotógrafos/fotógrafas e consumidores/consumidoras negros e negras num só espaço de representatividade, fortalecimento e expansão do afroempreendedorismo.

Ao final da pesquisa ficou evidente como que a representatividade étnico-racial e de gênero bem como os conceitos de colaboração e propósito, juntamente com as ideias de sustentabilidade, têm sido temáticas conceitualmente trabalhadas pelos/pelas criadores/criadoras. O que me fez pensar na ideia de que a Moda Contemporânea tem refletido uma perspectiva de posicionamento político que ressignifica padrões hegemônicos que há muito tempo vêm sendo fomentado pela própria Indústria da

moda.

É válido frisar que essas considerações não me foram apresentadas de antemão, nem estabelecidas por formulações teóricas prontas, foram fruto de dois anos de pesquisa qualitativa. Assim, aberta para ver, observar e ouvir os cotidianos laborais dos/das criadores/criadoras e suas representações acerca do fazer Moda que fui percebendo que os diversos circuitos da rede, em maior ou menor medida, se debruçavam sobre tais posicionamentos. Dentre os circuitos captados ao longo do trabalho: da alfaiataria, de cooperativas têxteis, de marcas comerciais, das estilistas consagradas, da moda masculina artesanal, entre outros, os da moda sustentável e o afroempreendedor foram os que se destacaram por terem sido mapeados a partir de expositoras/expositoras da Feira da Cidade.

Por fim, procurei documentar parte do que vem sendo produzido de Moda na cidade de Salvador, e contar essa história a partir de empreendedoras/empreendedores locais que vivenciam seus cotidianos laborais em situações urbanas de comercialização e de trocas de conhecimentos, experiências, lutas e afetos. A rede composta é heterogênea e multifacetada, em termos étnicos, geracional, de gênero, ocupacional e os profissionais envolvidos/envolvidas realizam apropriações diversas dos espaços urbanos através das feiras itinerantes, lojas, lojas colaborativas e eventos, construindo suas dimensões da Moda através dos seus cotidianos de trabalho e de seus estilos de vida.

Fazer, pensar, criar, executar, expressar, sentir e imiscuir-se aos objetos de vestuário são as principais motivações existenciais da categoria laboral de criadores/criadoras aqui tratada. Com intencionalidades e demandas diferentes, possuem um vínculo constante com os objetos que produzem. Não somente com os objetos em si, mas com todos os fluxos simbólicos e de materiais que permeiam a existência dos mesmos. Por fim, ainda vejo um terreno fértil a ser pesquisado e aprofundado, e espero que a presente pesquisa possa suscitar mais investigações acerca da Moda sob à luz das Ciências Sociais, mais especificamente pela Antropologia.

## REFERÊNCIAS

AGIER Michel. **Antropologia da Cidade**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

ADERALDO, Guilherme. BERGAMO, Alexandre. **A experiência do status: roupa e moda na trama social**, São Paulo, Ed. Unesp, 2007, 226 pp. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 377-385, jan. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27339/29111>. Acesso em: 23 ago. 2017.

ANDRADE, Mario de. O artista e o artesão. In: \_\_\_\_\_. **O baile das quatro artes**. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2016. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B9CNZ3uU92IVcEQ3emt3WUNwckk/view>>. Acesso em: 13 set. 2017.

BRUSSI, Julia Dias Escobar. **Da “renda roubada” à renda exportada: a produção e a comercialização da renda de bilros em dois contextos cearenses**. 2009. 145f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Brasília,

Brasília, 2009. Disponível em:<<http://repositorio.unb.br/handle/10482/18559>>. Acesso em: 17 mai 2017.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida**: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ha/v18n37/a02v18n37.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petropolis: Editora Vozes, 2015.

KELLER, Paulo Fernandes. **O trabalho imaterial do estilista**. Teoria & Sociedade, Belo Horizonte, n. 15.2, p. 8-29. Jul.-dez., 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, São Paulo, junho, 2002. p. 11-29. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **O Circuito**: proposta de delimitação da categoria. Ponto Urbe, 15, São Paulo, 2014. p. 1-14. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/2041>>.

ROCHEDO, Aline. **Do croqui às galerias**: a vida social de um vestido. 29ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 3 a 6 de agosto de 2014, Natal, RN. Anais 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Disponível em:<[http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401230035\\_ARQUIVO\\_rba.pdf](http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401230035_ARQUIVO_rba.pdf)>. Acesso em: 07 fev. 2017.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA** Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.

Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.

Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).

Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arte 7, 72, 87, 133, 134

### C

Civilização 5, 115, 161

Comunidade 62, 93, 94, 98

Conhecimento 54, 70, 97

Contexto 98

Cultura 2, 5, 8, 18, 24, 26, 54, 70, 72, 101, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 140, 142, 162, 164

### D

Democracia 134

Desenvolvimento 55, 70, 90, 97, 98, 99, 128, 164, 196

Diferenciação 2, 5, 24

Discurso 162

### E

Escola 98, 122, 125, 126, 128

### H

História 2, 3, 12, 13, 16, 17, 26, 30, 34, 39, 41, 42, 54, 70, 71, 72, 88, 115, 141, 151, 160, 161, 175, 176, 193, 194

### I

Identidade 25, 127, 130

### L

Liberdade 98, 185

### M

Memória 71, 72, 79, 117, 151, 164, 194

### P

Percepção 141

Política 42, 97, 127, 128, 129, 133, 134

Processo 141

## **R**

Realidade 88

Resistência 2, 5, 24, 154

Revolução 5, 27, 28, 35, 37, 38, 41, 42, 106, 111, 136

## **S**

Social 2, 5, 6, 17, 24, 26, 40, 41, 52, 55, 70, 88, 97, 131

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-524-2



9 788572 475242